


MOUSEION

Canoas, n. 43, 2022.

 <http://dx.doi.org/10.18316/mouseion.vi43.10623>

Memórias nas Ilhas do Guaíba: identidade, afeto e partilha do patrimônio vivido em meio à pandemia

Ana Carolina Gelmini de Faria¹Ana Maria Dalla Zen²Felipe Pirovano³

Resumo: O programa de extensão *Educação para o Patrimônio no Bairro Arquipélago*, realizado em parceria entre a UFRGS e o Museu das Ilhas POA/RS, desenvolve estratégias de valorização do patrimônio ilhéu, estimulando o empoderamento de seus moradores e a aumento da visibilidade do patrimônio cultural do bairro Arquipélago pelos demais moradores de Porto Alegre. Tendo como objetivo reforçar as identidades socioterritoriais no decorrer da pandemia de covid-19, através da ação *Pescando Memórias nas Ilhas do Guaíba*, foi constituído um acervo digital de memórias da população, fundamentado teoricamente nos princípios da Museologia Social. Os registros visuais e sonoros recebidos geraram vídeos, compartilhados pelo Museu das Ilhas, fomentando estratégias de comunicação museal no ambiente digital. Conclui-se que a experiência de coletar narrativas pela perspectiva dos agentes envolvidos se mostrou um importante exercício para compreender os laços afetivos do grupo com seu patrimônio, considerando uma subjetividade da memória a partir de vivências que os documentos não guardam. Pressupondo que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, a ação incentivou a comunidade a se voltar para suas referências, a fim de interpretar os traços identitários que chegam ao presente.

Palavras-chave: Museologia Social; Museus comunitários; Museu das Ilhas de Porto Alegre, RS; Comunicação museal em ambiente digital.

Memories from Guaíba islands: identity, affection, and shared experiences lived during the pandemic

Abstract: The *Heritage Education extension program for the Arquipélago neighborhood*, realized by UFRGS and in partnership with The Museu das Ilhas POA/RS, develops strategies to value the island's patrimony, encouraging the

1 Museóloga (UNIRIO) mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma Universidade (PPGMusPa/UFRGS). Coordenadora Adjunta do programa de extensão “Educação para o patrimônio no bairro Arquipélago”. E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br.

2 Licenciada em História (UFRGS), mestre em Educação (UFRGS), doutora em Comunicação (USP). Professora titular aposentada do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da mesma Universidade, como professora colaboradora. Coordenadora Geral do programa de extensão “Educação para o patrimônio no bairro Arquipélago”. E-mail: azen@ufrgs.br.

3 Graduando em Museologia (UFRGS), bolsista do programa de extensão “Educação para o patrimônio no bairro Arquipélago”. E-mail: felipe.mpirovano@gmail.com

empowerment of its residents and increasing the visibility of the archipelago neighborhood patrimony by the other residents of Porto Alegre. Aiming to reinforce socio-territorial identities during the Covid-19 pandemic, through the action *Fishing Memories on Guaíba Islands*, a digital collection of memories of the population was created, theoretically based on the principles of Social Museology. The visual and sound recordings received generated videos, shared by the Museu das Ilhas, promoting museum communication strategies in the digital environment. It concludes that the experience of collecting narratives from the perspective of the agents involved proved to be an important exercise to understand the affective bonds of the group with its heritage, considering a subjectivity of memory based on experiences that the documents do not keep. Assuming that each memory is a point of view about collective memory, the action encouraged the community to turn to its references to interpret the identity traits that reach the present.

Keywords: Social Museology. Community museums; Museum of the Islands of Porto Alegre, RS; Museum communication in a digital environment.

Introdução

Desde o ano de 2012, o curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) está presente na Ilha da Pintada, através da extensão universitária, tendo sido parceiro para a criação do Museu das Ilhas de Porto Alegre, localizado no estado do Rio Grande do Sul (RS). A partir de então, ele vem contribuindo para a comunidade do bairro Arquipélago, região que concentra um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) de Porto Alegre. Em sua imersão, discentes, docentes e técnicos administrativos articulam conteúdos curriculares em demandas comunitárias que visam ao desenvolvimento social. Nesse sentido, o programa de extensão *Educação para o Patrimônio no Bairro Arquipélago* desenvolve estratégias de valorização do patrimônio ilhéu, tendo como objetivo principal, incentivar o empoderamento de seus moradores e a redução de sua invisibilidade entre os demais bairros.

Eis que, diante da pandemia, foi necessária uma readequação das propostas, a fim de adaptá-las para o ciberespaço. Como desdobramento, foram planejadas ações a serem realizadas nas próprias residências, por meio do uso de redes sociais. Assim, este trabalho se propõe a compartilhar um desses processos que, amparado nos pressupostos da Museologia Social, buscou rememorar laços afetivos das pessoas com seu território, em um momento em que o distanciamento social acentuou a necessidade de práticas e vivências identitárias.

Museologia Social & empoderamento cultural

A Museologia Social, movimento que se firmou no campo museológico na década de 1970, defende que os museus sejam apropriados como ferramentas de uso comunitário e participativo, de modo que as próprias pessoas se preocupem em compreender, salvaguardar e divulgar suas próprias histórias na forma que considerarem mais adequadas, ou seja:

O respeito à diversidade cultural, a participação ativa da comunidade, a dialogia e horizontalidade dos processos e a visibilidade das memórias silenciadas são marcas que caracterizam os processos sociais de Museologia. Na base da Museologia Social está a ideia de que tudo pode ser patrimônio – isto é, tudo o que uma comunidade, em um território, reconheça como significativo para a manutenção, preservação e aprimoramento do seu modo de vida. O que distingue a Museologia Social é, portanto, a apropriação comunitária dos meios de produzir e gerir o seu

patrimônio integral. (REDE.... 2021, doc. eletrônico).

Nessa perspectiva, a Museologia Social fez com que o papel do museu mudasse de foco e sua preocupação se deslocasse do acervo para as pessoas, entendidas não mais como mero público, mas como frequentadores em busca de novas perspectivas de ver o mundo e de interagir com o patrimônio cultural. Como resultado, as relações entre os museus e a comunidade se tornaram cada vez mais complexas, identificadas com as especificidades dos grupos e contextos em que os museus atuam, e, assim:

[...] as discussões em torno do papel social dos museus, e, mais especificamente, do seu papel pedagógico e da sua relação com o público, foram acontecendo em um processo gradual, provocadas pelas mudanças na sociedade como um todo, refletindo no interior das instituições, como a UNESCO, e o ICOM, como pode ser constatado nos documentos produzidos nos encontros de 1958 e 1971. (SANTOS, 2009, doc. eletrônico).

A Museologia Social incentivou que as ações museais passassem a focalizar os problemas, as contradições, e, principalmente, as memórias e histórias de vida das pessoas, voltando-se, primordialmente, à valorização do homem enquanto sujeito de sua própria vida, crítico e consciente de sua realidade. Nesse processo, o museu passa a ser reconhecido não só em sua concepção tradicional, com seus prédios, coleções e usuários, mas, como ressalta Primo (1999), pela representatividade que consegue criar e manter junto à comunidade em que se insere. Nessa relação, o conceito de comunidade é entendido como:

[...] um grupo de indivíduos que, apoiado em um patrimônio, realiza ações museológicas, com objetivos e metas definidas a partir das suas necessidades, dos seus anseios, definindo, em conjunto, os problemas e as soluções para os mesmos, situando-os no contexto mais amplo da sociedade. (SANTOS, 2009, doc. eletrônico).

Nesta linha, a interação entre as atividades de pesquisa, preservação e comunicação, constituintes da dinâmica dos museus, tem de ser permanentemente questionada e problematizada, para que as três ações se convertam em vetores para a produção de conhecimentos que contribuam para a construção de uma sociedade mais ética, equitativa e solidária. O museu, assim pensado, é um lugar de permanente comunicação e de trocas de saberes.

No âmbito acadêmico, essa integração dos museus à ação comunitária corresponde à extensão universitária, que, ao lado do ensino e da pesquisa, é reconhecida como uma das atividades-fim da instituição. Trata-se do espaço em que os resultados do ensino e da pesquisa são levados à comunidade, mediante uma imersão direta de seus professores, técnicos administrativos e alunos em ações de melhoria da qualidade de vida de diferentes grupos sociais. Assim, percebe-se que há uma desejável coincidência entre os propósitos da Museologia Social às funções da extensão universitária, na qual se insere o programa de extensão *Educação para o Patrimônio no Bairro Arquipélago*, que vem sendo realizado desde 2019 no bairro, dando prosseguimento a outros programas lá realizados pelo curso de Museologia da UFRGS desde 2012, entre os quais estão a realização de inventário participativo para criação do Museu das Ilhas e a parceria permanente, desde a sua criação, em março de 2016.

Pescando memórias nas Ilhas do Guaíba: reflexões em torno de um processo

Ao iniciar a pandemia, as ações presenciais previstas pelo programa de extensão tiveram que ser repensadas, tendo como desafio sua adequação às estratégias virtuais, uma vez que o distanciamento social

foi uma medida adotada mundialmente para restringir o convívio social, de forma a evitar a propagação da covid-19. Uma importante referência para fazer essa transposição se constituiu no guia de referência em Tecnologia Social da Memória (2009), a saber:

A Tecnologia Social da Memória usa a memória e as histórias de vida para enfrentar desafios coletivos e estimular pessoas e organizações a produzirem suas próprias histórias, valorizando as experiências e os saberes de todas as pessoas e suas comunidades. A partir do desenvolvimento de projetos coletivos de memória, busca desenvolver a capacidade de ouvir e aprender com o outro e impulsionar processos de mudança nas relações sociais por meio da construção, organização e socialização de histórias de vida, entendendo as histórias de vida como fonte de conhecimento, compreensão e conexão. (MUSEU DA PESSOA, 2009, doc. eletrônico).

Conforme o documento, a Tecnologia Social da Memória se constitui em um mecanismo que incentiva as pessoas e as organizações a elaborarem projetos coletivos, a partir de histórias de vida que valorizem os saberes de todas as pessoas, a fim de impulsionar processos de mudanças nas relações sociais. Nesse sentido:

[...] foi criada para desenvolver a capacidade de ouvir e aprender com o outro e facilitar o enfrentamento de desafios coletivos com a geração de impacto social a baixo custo e em larga escala, utilizando nosso único recurso educativo comunitário acessível e inesgotável: as histórias de vida. (MUSEU DA PESSOA, 2009, doc. eletrônico).

Centralizada na educação, a Tecnologia Social da Memória se foca na necessidade de reconhecimento do patrimônio imaterial e do desenvolvimento sociocultural da comunidade; na constituição de um registro histórico e cultural das cidades e da sua utilização nas atividades educacionais das escolas locais; na preservação do patrimônio imaterial; na mediação de conflitos entre os diferentes grupos sociais e, ainda, na qualidade das relações entre as diferentes comunidades e setores da sociedade (MUSEU DA PESSOA, 2009). No âmbito do Museu das Ilhas, podem ser apontadas questões em cada um dos indicadores descritos.

Em 2020, o distanciamento social ampliado foi uma das formas de evitar o contágio e a transmissão do coronavírus, por isso, foram adotadas, em escala global, medidas de contenção comunitária. Tal circunstância produziu repercussões não apenas de ordem econômica, mas também social e cultural. A pandemia de Covid-19 é de tamanho impacto que a historiadora Lilia Schwarcz (2020) a aponta como o evento de maior importância dos últimos 100 anos, marcando, segundo ela, o fim do século XX e o início do séc. XXI. Na contramão dos efeitos de uma forte crise mundial – que gera impactos como desigualdade, pobreza e desemprego –, redes de apoio e instituições culturais que reforçam laços identitários tornam-se instrumentos significativos no combate aos transtornos mentais causados pela pandemia, a exemplo dos museus comunitários. No Museu das Ilhas de Porto Alegre, foram planejadas ações museais digitais, com recursos simples de uso comum, diretamente relacionadas ao reconhecimento do patrimônio imaterial e sociocultural da comunidade, a fim de reforçar os laços comunitários. As iniciativas compreendem desde *lives* e exposições virtuais lançadas em redes sociais da instituição, até interações diretas com pessoas que possuem vínculos com o bairro Arquipélago. Uma das propostas foi intitulada *Pescando memórias nas Ilhas do Guaíba*.

A ação foi operacionalizada mediante convocatória feita pelo *Instagram* do Museu das Ilhas de Porto Alegre (@museu_das_ilhas) (Figura 1), para que os moradores e as pessoas com memórias vinculadas ao território, a partir de registros visuais (fotografias), produzissem uma memória oral dessa referência, no formato de um áudio com no máximo cinco minutos de duração, que seria enviado via rede social

WhatsApp, contribuindo, assim, para a composição de uma coleção sonora de memórias afetivas. O acervo produzido é compartilhado nas plataformas digitais do Museu das Ilhas, estimulando, pela troca de vivências, o contato com outras pessoas e a sensação de pertencimento e de identificação.

Figura 1 - Chamada da ação *Pescando memórias nas Ilhas do Guaíba*

PROJETO

Pescando memórias nas Ilhas do Guaíba

PPGMUSPA

· Você tem alguma memória afetiva com as Ilhas?

· Como participar?

- 1** Grave um áudio, de até 5 min, contando sua memória afetiva.
- 2** Envie, por *WhatsApp*, para o número 519
- 3** Informe seu nome completo e, se possível, o ano e uma foto relacionada à sua memória, que será capa do seu áudio.

Ao enviar você está autorizando a publicação no repositório digital do Projeto.

Fonte: Felipe Pirovano, 2020.

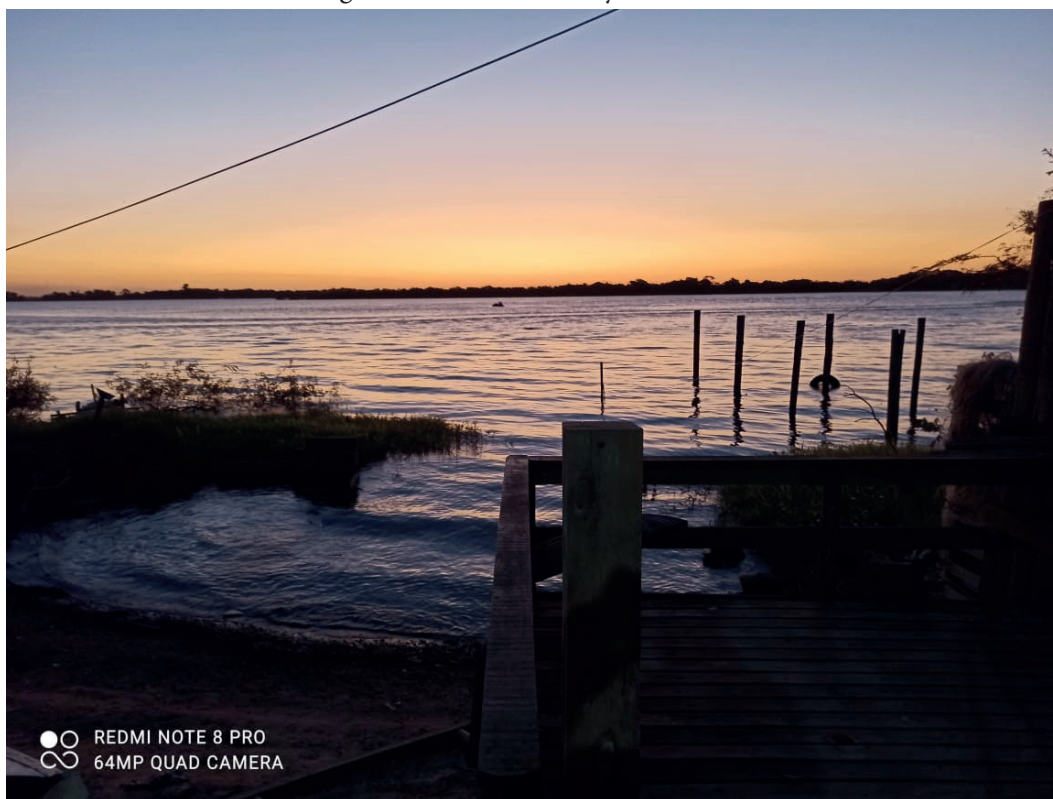
O material recebido foi tratado, a fim de gerar um vídeo a ser compartilhado pelo Museu das Ilhas, fomentando estratégias de comunicação museal no ambiente digital. Embora a iniciativa tenha alcançado somente uma parcela restrita da comunidade, que tem acesso às redes sociais, a experiência de coletar narrativas pela perspectiva dos agentes envolvidos se mostrou um exercício para compreender os laços afetivos do grupo com seu patrimônio, considerando uma subjetividade da memória a partir de

vivências que os documentos não guardam.

Varine (2000) defende que os museus comunitários, tal como o Museu das Ilhas, são mais do que instituições, isto é, são processos articulados com o tecido social. Essa dinâmica possui conceitos basilares: território, comunidade, patrimônio, tempo, comunicação e desenvolvimento. A coleção de áudios obtidos pela ação de extensão permite identificar a manifestação desses conceitos na interpretação das memórias evocadas pelos seus depoentes. Para tal análise, três depoimentos contribuem para tais conexões.

Para o autor, o território é fruto da dinâmica dos atores sociais, que conhecem e organizam o espaço de acordo com suas delimitações simbólicas – estando para além de cerceamentos administrativos. São os sujeitos, ao desfrutarem do território, que lhes dá sentido. Nessa relação, o patrimônio é um conjunto global, um recurso do território sob ação do tempo natural, cultural e humano, apropriado pelo sujeito com vínculos identitários (VARINE, 2000). No áudio sobre sua memória afetiva, Ryan Eduardo, um dos moradores da ilha, destaca esses elementos em sua narrativa (Figura 2):

Figura 2 - Memória de Ryan Eduardo



Fonte: Ryan Eduardo, [s.d.]

Tenho dezesseis anos, sou aluno do Jovem Aprendiz ‘Turismo Ecológico’ e moro na Ilha Grande dos Marinheiros. [...] A minha memória é que a minha família vivia em comunhão. Aí, antes da pandemia, levávamos violão e fazíamos churrasco. Nesse local, existe até um quiosque onde comemoramos o Natal ou Ano Novo na beira do rio, gostávamos de tomar banho de rio e de brincar na água. Esse lugar é muito importante por mostrar o lado calmo e muito lindo da ilha, sem dúvida um dos mais lindos do país. (EDUARDO, 2021, informação verbal).

O depoimento de Ryan Eduardo é expressivo para compreender a percepção do sujeito sobre a relação que estabelece com o espaço, o tempo e a memória. A dinâmica proposta potencializa, por meio da sonoridade, apreende significados que vão para além do registro visual: a fotografia e a de voz do interlocutor dão sentido à relação entre sujeito e território, relação, esta, compreendida por Waldisa Rússio

Guarneiri (2010, p.123) “[...] significando percepção (emoção, razão), envolvimento (sensação, imagem, ideia) e memória (sistematização de ideias e de imagens e estabelecimento de ligações)”.

Nas experiências articuladas pelos museus de território, a ideia de “comunidade” ganha força quando os sujeitos se reconhecem como um grupo que compartilha os mesmos problemas e valores. Tendo o *tempo* presente como um interesse em comum, a mudança se torna um elemento em evidência (VARINE, 2000). A rememoração do passado pelos sentidos (visão/fotografia + audição/voz do narrador), bem como de necessidades do presente, evidenciou a importância da ideia de partilha, seja com emoções vivenciadas com a família, seja em necessidades ligadas à própria sobrevivência, como conta Josenete Silva, moradora da Ilha das Flores (Figura 3):

Figura 3 - Memória de Josenete Silva



Fonte: Josenete Silva, s.d.

Lembro da enchente de 2015 [...]. Foi aquela tristeza para nós, por perdermos tudo que tínhamos e não poder trabalhar. Não tínhamos muito, mas perdemos o que tínhamos. Então começou a nossa “correria” de um lado para o outro, sem saber o que iríamos fazer. Em seguida, chegou o projeto da UFRGS e foi o projeto que nos levantou. Através dele que adquirimos tudo: os cursos de artesanatos, as feiras para vender os artesanatos, adquirimos doações. Todos os materiais que vinham da universidade que abriu as portas para nós e ali vendíamos os artesanatos [...]. Esses projetos trouxeram benefícios para todos nós. Foi uma coisa maravilhosa poder nos levantar, levantar nossa autoestima e ver que podíamos ter um recomeço de vida, para que hoje possamos trabalhar e no ano que vem voltar às feiras e fazer nosso trabalho [...]. Hoje, eu vejo que os projetos levantam muitas famílias a trabalhar e a viver, isso é muito importante nas nossas vidas [...]. Hoje eu sou uma nova pessoa por tudo que aprendi e guardei praticando. (SILVA, 2021, informação verbal).

Varine (2000) ressalta, ainda, como conceitos norteadores dos museus comunitários, o desenvolvimento e a comunicação. Essas concepções estariam ligadas à projeção de futuro: a ideia de museu como instrumento político, que estimula a conscientização, a capacidade de iniciativa, o posicionamento

dos fatores sociais. O museu seria, nessa perspectiva, um mediador na sociedade contemporânea. No âmbito acadêmico, evidencia-se que a participação em ações de extensão universitária em museus comunitários modifica tanto a comunidade quanto seus discentes, docentes e técnicos administrativos a partir do debate e de projeções de um futuro com direitos assegurados. É o que revela o professor Davide Carbonai, em seu relato sobre a experiência no Museu das Ilhas de Porto Alegre (Figura 4):

Figura 4 - Memória de Davide Carbonai



Fonte: Davide Carbonai, [s.d.]

[...] em 2016, encontrei a Ana Maria Dalla Zen e juntamos as forças e recomeçamos a fazer coisas bem interessantes, em todas as ilhas, em quatro ou cinco grupos; o Museu das Ilhas participou no desenvolvimento e criação na Art'Escama [...] tentamos fortalecer o que tinha de bom e melhorar um pouco os elementos mais frágeis, tentando fomentar a economia criativa na socialização, compartilhando momentos comuns em um clima de amizade e fraternidade [...] tínhamos muitos bolsistas que produziram breves documentários, fizeram designer da logomarca [...]. Eu senti às vezes o projeto um pouco isolado, ainda que foram feitas inúmeras ações e intervenções muito boas, claro que não resolve o problema, mas junto com outros parceiros poderíamos fazer ainda mais. Tenho uma linda lembrança dos encontros, os almoços com o pessoal da Arte Escama, com a dona Teresinha, Sonia, Sueli, Nazaré, os bolsistas, [...] uma longa lista de pessoas com as quais trabalhei e que tornaram essa experiência de extensão uma experiência humana de profunda amizade. (CARBONAI, 2021, informação verbal).

Ao analisar esta narrativa, percebe-se como as relações afetivas fazem parte do fazer acadêmico. Trata-se de um diálogo que se estabelece entre os conhecimentos do professor e do aluno com os saberes e fazeres das pessoas que representam a dimensão comunitária da extensão universitária. Há um elo invisível que transborda na lembrança do professor, que evidencia um entendimento profundo do que é atuar em um programa extensionista, que, longe de ser uma via de mão única, representa uma rede de conexões entre os diferentes saberes, ou seja, na perspectiva de Freire (2001), que rejeita a atividade de extensão universitária como sendo uma posse absoluta de conhecimento, pelo que detém o poder, em relação aos que o recebem. Em seu lugar, o autor se refere à extensão como um processo de comunicação, que se caracteriza como uma troca de conhecimentos entre os sujeitos envolvidos, sem qualquer hierarquia. Assim, há uma troca de saberes igualmente significativos para o desvelamento do mundo.

Considerações finais

Os depoimentos sonoros cedidos ao Museu das Ilhas de Porto Alegre revelam uma dimensão humanista que está para além das informações intrínsecas dos registros fotográficos, pois evidenciam o afeto em que as emoções afloram à simples lembrança. O uso de estratégias digitais rompe limites geográficos e impulsiona a integração comunitária, suscitando sentimentos de partilha, tão necessários em período pandêmico.

O compartilhamento de memórias afetivas por recursos virtuais mostrou que, ao se voltar para seu patrimônio, a comunidade ganha novas perspectivas sobre acontecimentos passados e fatos do presente. Com isso, ela se reconhece e valoriza o compromisso com seu patrimônio material e imaterial. Considerando que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, a ação relatada tornou-se um convite de interpretação dos traços identitários que chegam ao presente. A iniciativa, ainda que simples em sua estrutura metodológica, dialoga com um dos principais objetivos da Museologia Contemporânea: o território se torna um cenário para a valorização dos sujeitos e de suas histórias de vida, alcançando, assim, uma dimensão intangível do patrimônio.

Referências

- CARBONAI, Davide. Memória afetiva cedida ao projeto de extensão Pescando Memórias, Porto Alegre, 2021. Instagram: @museu_das_ilhas. Disponível em: https://www.instagram.com/museu_das_ilhas/. Acesso em setembro de 2021.
- CONHEÇA um pouco mais de Museologia Social. **Rede de Museologia Social Campinas**, Campinas, [entre 2000 e 2021]. Documento eletrônico. Disponível em: <https://memoriasocialcampinas.wordpress.com/conheca-mais-museologia-social/>. Acesso em julho de 2021.
- EDUARDO, Ryan. Memória afetiva cedida ao projeto de extensão Pescando Memórias, Porto Alegre, 2021. Instagram: @museu_das_ilhas. Disponível em: https://www.instagram.com/museu_das_ilhas/. Acesso em setembro de 2021.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. A interdisciplinaridade em Museologia, 1981. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. v. 1, 1. ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 123-126.
- MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia social da memória**: Para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. 2009. Documento eletrônico. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/entenda/portfolio/publicacoes/metodologia/tecnologia-social-da-memoria-2009>. Acesso em julho de 2021.
- PIROVANO, Felipe Mendonça. **Convite para participação da comunidade na ação Pescando memórias nas águas do Guaíba**. Porto Alegre, 2020. Instagram: @museu_das_ilhas. Documento eletrônico. Disponível em: https://www.instagram.com/museu_das_ilhas/. Acesso em setembro de 2021.
- PRIMO, Judite. Pensar contemporaneamente a Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, n.15-16, 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350>. Acesso em setembro de 2021.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Memória afetiva cedida ao projeto de extensão Pescando Memórias**, Porto Alegre, 2021. Instagram: @museu_das_ilhas. Disponível em: https://www.instagram.com/museu_das_ilhas/. Acesso em setembro de 2021.

SANTOS, Maria Célia. **Museus e educação: conceitos e métodos**. 2009. Disponível em: http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_EDUCACAO_2.pdf. Acesso em julho de 2009.

SCHWARCZ, Lilia. **O século 21 só começa depois da pandemia**, 2020. Canal do Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dXHnwrT9asg>. Acesso em: setembro de 2021.

SILVA, Josenete. **Memória afetiva cedida ao projeto de extensão Pescando Memórias**, Porto Alegre, 2021. Instagram: @museu_das_ilhas. Disponível em: https://www.instagram.com/museu_das_ilhas/. Acesso em setembro de 2021.

VARINE, Hugues de. A Nova Museologia: ficção ou realidade. *In: Museologia Social*. Porto Alegre: Unidade Editorial/ Secretaria Municipal de Cultura, 2000.